

RONEY CYTRYNOWICZ

AUSCHWITZ E O TURISMO DA MEMÓRIA



Uma visita ao local onde funcionou o campo de concentração e de extermínio de Auschwitz/Birkenau, na cidade polonesa de Oswiecim, permite duas experiências completamente opostas em relação à memória do genocídio nazista contra os judeus na Segunda Guerra Mundial.

Auschwitz é na realidade um grande complexo que compreende três sub-campos: Auschwitz I, para trabalhos forçados que chegou a manter 135 mil presos, Birkenau (ou Auschwitz II), onde ocorreu o extermínio de 1,6 milhão de pes-

soas, e Buna-Monowitz (ou Auschwitz III), um conjunto de 46 campos de trabalhos forçados para indústrias como a I.G. Farben, Krupp e Siemens-Schuckert.

Auschwitz foi o maior entre os seis campos de extermínio construídos pelos nazistas na Polônia a partir do final de 1941. Foi também o maior campo de concentração e de trabalhos forçados entre os cerca de dois mil campos que funcionaram na Alemanha e países ocupados depois de 1933.

No local onde funcionou Auschwitz I, existe hoje um

RONEY CYTRYNOWICZ é mestre e doutorando em História na USP e autor de *Memória da Barbárie. A história do Genocídio dos Judeus na Segunda Guerra Mundial* (Edusp/Nova Stella, 1991) e de *A Vida Secreta dos Relógios e Outras Histórias*.

ACIMA, AS "DUCHAS" DE AUSCHWITZ, POR ONDE O GÁS PENETRAVA NAS CÂMARAS

museu e uma estrutura organizada para receber visitantes do mundo todo, com guias, mapas e folhetos em dezenas de línguas. Na cidade medieval de Cracóvia - ponto de partida provável para conhecer o campo - as vitrines das agências de turismo da cidade apresentam cartazes promovendo excursões de um dia ao museu de Auschwitz.

Já à chegada na estação de trem de Cracóvia, não importa a que horas da madrugada, taxistas perguntam aos turistas, monossilabicamente: "Auschwitz?". A pergunta soa algo sardônica em um país que assistiu passivamente ao extermínio de quase três milhões de judeus poloneses (cerca de 90% da população judaica polonesa do pré-guerra), metade dos quais em Auschwitz/Birkenau.

Foi na mesma Polônia, aliás, que ocorreu o primeiro massacre de judeus após o nazismo. Em 1946, 42 judeus foram mortos na cidade de Kielce. Eram todos sobreviventes de campos de concentração. Inúmeros outros episódios de anti-semitismo foram engendrados após 1945, mesmo com uma população judaica de não mais que quatro mil pessoas. Quase poderia se dizer que toda agitação de liberdade no país, como na origem do sindicato Solidariedade, era combatida com doses violentas de anti-semitismo, enraizado em uma cultura católica e agrária e habilmente manipulado pelo governo comunista.

O primeiro choque do visitante que chega a Auschwitz I é a percepção de que o campo fica praticamente dentro da cidade de Oswiecim. Fica hoje como ficava há cinquenta anos. A célebre frase inscrita na entrada do campo, "O Trabalho Liberta", é apenas uma pequena passagem de onde se pode observar a cidade.

Ao entrar em Auschwitz, o visitante é sacudido por um anti-clímax: o horror imaginado se dilui rapidamente diante do tranquilo caráter histórico-turístico que o local assume agora. O alívio rapidamente oferecido ao visitante garante uma estadia sem choques e sem encontros com a morte. No máximo, conforme a placa à entrada do campo que pede silêncio em várias línguas, avverte-se que "naquele local algo muito triste aconteceu".

Em Auschwitz I, inteiramente preservado, existe uma saturação de referenciais conhecidos - amigáveis, diria-se na

novilíngua da informática - dispostos dentro do campo: lanchonete, loja de *souvenirs*, sanitários modernos, ruas demarcadas, roteiros preestabelecidos, excursões pedagógicas, grupos escolares, pausa para o lanche, placas, cartazes, dizeres em várias línguas, explicações, mapas e guias credenciados que fazem *tours* com os visitantes.

Tudo acaba ganhando um imensamente suportável ar familiar, tornando a visita a Auschwitz uma excursão de férias, um passeio de domingo, uma atividade escolar fora da rotina das salas de aula. As vozes dos visitantes, suas conversas, os chicletes mastoados, os suspiros, as lágrimas, o barulho dos cochichos e dos passos, as explicações, as identificações, as dúvidas, tornam Auschwitz rapidamente apreensível e amortecido.

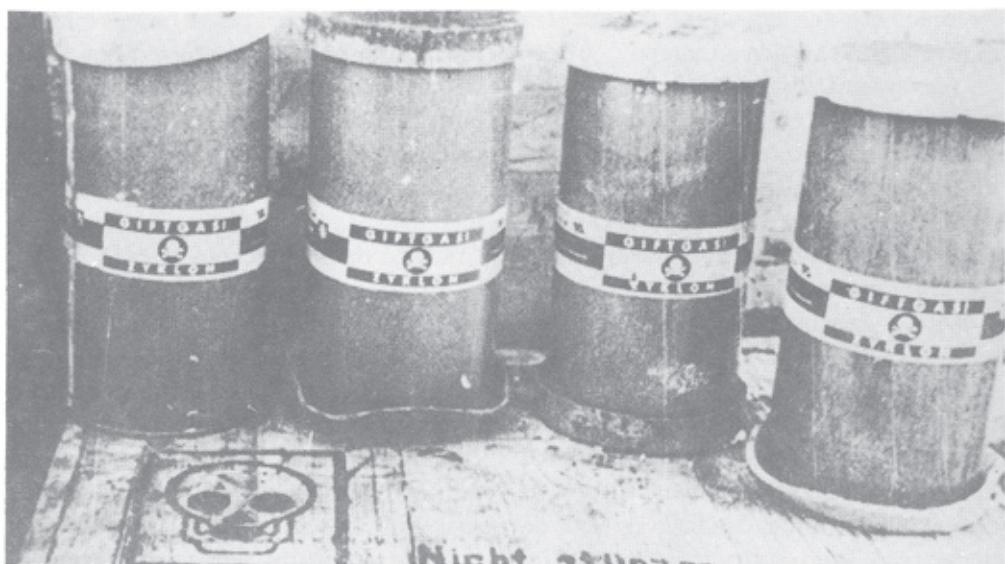
A visita a Auschwitz I é como assistir ao filme *A Lista de Schindler*, de Steven Spielberg. Alimesmo onde se pretende "contar" o Holocausto, deixa-se de fazê-lo ao utilizar recursos que tornam a história excessivamente familiar, fluente e tolerável. Em Spielberg, o espectador vê imagens mediadas por todos os truques de emoção (de suspense, de tragédia, de comoção etc.) que o cinema de diversão consagrou. A tela, a ilusão do cinema, a sedução do escurinho, a pipoca, a certeza do contrato de duas horas do cinema, tudo ali dá a tranquilidade da história já consumada. Agora consumida.

O que mais toca as pessoas em sua visita a Auschwitz são as instalações onde funcionava o QG das SS: celas pequenas, cubículos para solitárias sem janelas ou ventilação, onde o sofrimento é mensurável ao visitante de hoje: o tamanho de um homem, a dor de uma tortura visível pelas pontas dos instrumentos, a inumanidade da falta de janela e de ar.

Naquele prédio, os guias detêm-se a explicar como funcionavam as punições e o terror ante qualquer infração do regulamento. Neste edifício, dezenas de fotografias de poloneses mortos estão dispostas em quadros afixados às paredes.

O sofrimento ali tem rosto e nome, não é o genocídio de milhões aos quais a própria morte foi roubada, sem direito a um túmulo, sem direito sequer à lembrança do seu nome. Na Polônia, mais de 400 comunidades judaicas foram inteiramente destruídas; delas muitas vezes não restou uma única testemunha.

AO LADO,
O BURACO,
SEMELHANTE
A UMA ESCOTilha,
POR ONDE
PENETRava
O GÁS LETA
NAS CÂMARAS; NAS
FOTOS ABAIXO, O
"ZYKLON", VENENO
UTILIZADO NA
COMPOSIÇÃO
DO GÁS DE
AUSCHWITZ



NÃO HÁ CAMINHO

É apenas em Auschwitz II, ou Birkenau, onde funcionaram sistematicamente as câmaras de gás e foram mortas cerca de 1,6 milhão de pessoas que o visitante pode se aproximar do que foi o genocídio. Nas seis câmaras de gás do campo, os nazistas chegaram a matar 24 mil pessoas em um único dia. Os corpos eram depois cremados. Todos os detalhes técnicos eram estudados para iludir as vítimas e evitar qualquer reação. As câmaras de gás eram disfarçadas de banheiros de desinfecção e as vítimas recebiam cabides numerados à porta sob a justificativa de poder encontrar as roupas depois do "banho". O gás era conduzido em caminhonetes pintadas de ambulância e eram médicos que o administravam, depois de fazer a "seleção" dos que iam viver e dos que iam morrer logo à chegada ao campo.

Auschwitz II/Birkenau não faz parte da infra-estrutura turística do complexo Auschwitz. Perto da entrada do museu, um microônibus fica disponível para percorrer os três quilômetros até Birkenau. O serviço do ônibus é mantido por uma organização norte-americana. Mas ninguém vai lá; a visita a Auschwitz invariavelmente se encerra com a visita a Auschwitz I, onde está o museu.

A entrada de Birkenau é inconfundível para quem já viu em fotografias. Um ramal ferroviário dirige-se diretamente à porta do campo; era ele quem conduzia os trens de deportação. Tudo está exatamente como foi deixado em 1945. Um único funcionário zela pela segurança do local, mas é preciso procurá-lo. Nem mesmo uma guarita anuncia a passagem para dentro do campo.

Em Birkenau não há roteiros, não há caminhos, nem calçadas, nem trilhas, não há placas, não há guias, nem lanchonete nem banheiro, nem grupos organizados nem escolares comendo lanche. O visitante caminha apenas na companhia dos seus próprios fantasmas. O campo permanece inteiro com suas centenas de barracões de madeira, muito diferentes das sólidas casas de tijolo devidamente mantidas de Auschwitz I. Em um barracão, que os nazistas chamavam de banheiro, vêem-se dezenas de buracos de madeira toscamente cavados. Em outro barracão, pode-se ainda ler ordens nazistas inscritas na parede.

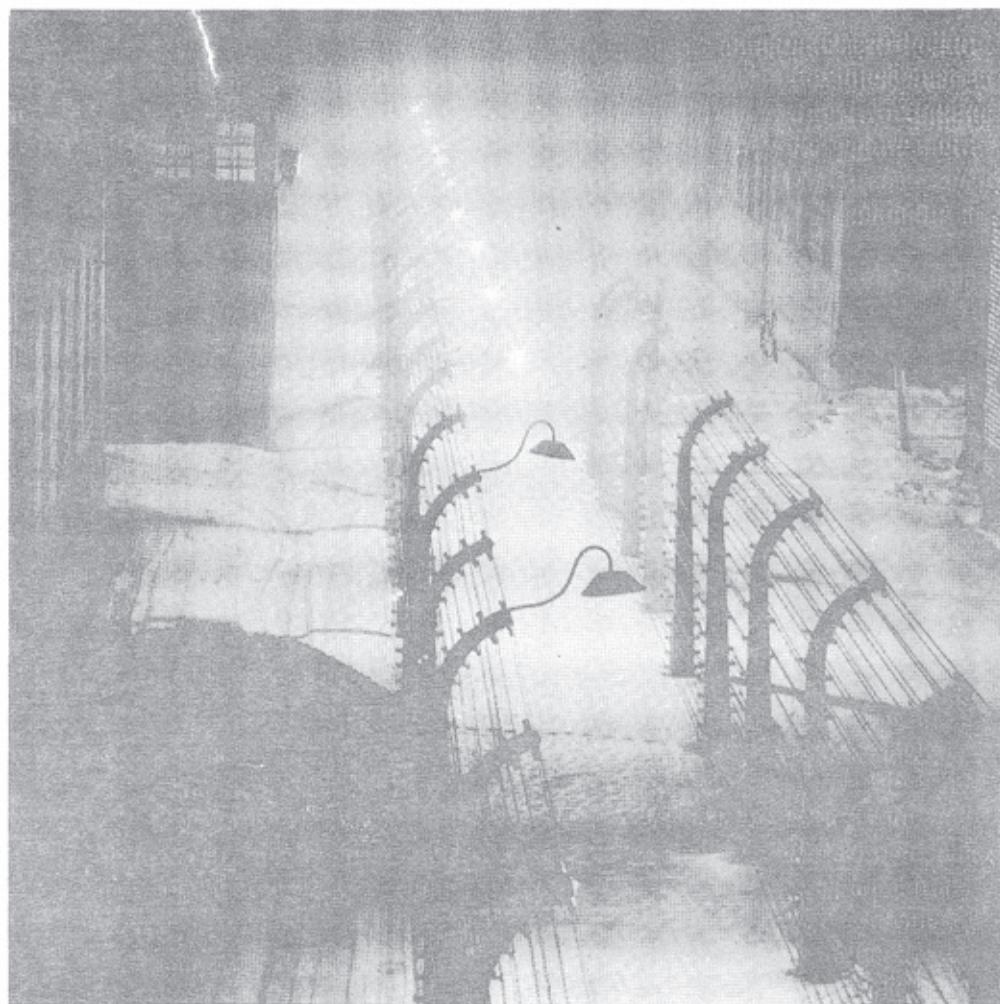
No final do campo, a uma meia hora de caminhada, a rampa que levava a uma das câmaras de gás e os destroços precisos dessa. É impossível olhar passivamente aquelas ruínas. Nenhum detalhe arquitetônico chama a atenção, nenhum sinal visível de tortura, de sofrimento, de morte. É apenas uma grande sala de concreto com uma única porta cujo acesso se dá pela rampa. Esta é a marca da destruição nazista: a completa falta de marcas, o horror sem vestígios, a morte em massa diluída na mais banal rotina cotidiana, executada por milhares de homens e mulheres que terminavam o expediente e iam para casa regar as plantas e acariciar os filhos.

Birkenau não é museu. É o próprio campo. O mato cresce em todos os cantos, a lama suja os sapatos, o silêncio invade e turva os referenciais conhecidos, as ordens nazistas inscritas nas paredes parecem fazer-se ouvir; no inverno, sozinho no campo, a meia hora de caminhada apressada da entrada, o medo evoca o pavor das vítimas e vem uma pulsão de correr, de fugir, de sair, de cruzar logo todas as fronteiras: de Auschwitz, de Cracóvia, da Polônia, da Europa...

Contra a narratividade previsível da visita a Auschwitz I, em Birkenau instaura-se um vazio, um silêncio, um estranhamento, um quase terror. É neste estranhamento, o choque da morte de milhões executados em câmaras de gás, o da idéia de matar todo um povo, sem que se ouvissem seus gritos e suas súplicas, sem que se registrassem seus nomes e seus rostos, sem que sobrassem sinais e marcas da destruição; é nesse estranhamento que reside a possibilidade de elaborar a memória de Auschwitz.

Em *Massas e Poder*, Elias Canetti escreveu que a hiperinflação alemã desvalorizou de tal forma as quantidades— milhões, bilhões, trilhões —, tornando corriqueiras cifras antes inexistentes, que as pessoas perderam não apenas os referenciais do valor de troca, mas junto com este os parâmetros de identidade em uma sociedade gerida pelo mercado. Depois, quando se falava em milhões, não mais de marcos, mas de mortos, esses números já não tinham qualquer valor, já nada significavam para os alemães. Já não significam nada para ninguém.

A própria memória dos sobreviventes encontra-se presa em uma série de armadilhas. O que se espera do sobrevivente e o que



ele pode contar é o relato pessoal de sua tragédia individual. Mas a tragédia coletiva de Auschwitz é composta de outra natureza que não a simples soma das tragéias individuais. Não é de uma sala de torturas ou do sofrimento extremo de um indivíduo que foi feito o horror de Auschwitz, mas de uma estratégia de extermínio em massa segundo parâmetros industriais, ou seja, uma linha de produção da morte para matar o maior número de pessoas com máxima economia de recursos e de forma a aproveitar parte dos cadáveres como matéria-prima industrial. A memória de Auschwitz não é, portanto, a daqueles rostos poloneses com fotografia e identificação, mas a memória das cinzas e das valas com milhares de cadáveres anônimos, cujo único nome - sentença de morte - era: "judeu".

Como lembrar Auschwitz? Não basta contar, narrar, não basta fazer novos memoriais, monumentos e museus para que excursionemos nossa responsabilidade ou nossa culpa, ou simplesmente nossa dor.

Nem basta levar os últimos sobreviventes à televisão, dar-lhes cápsulas de memória montadas em estatísticas e imagens que a televisão oferece hoje diariamente com o nome de diversão.

A memória de Auschwitz exige silêncio, exige estranhamento, exige concentrado e delicado respeito pelo relato dos sobreviventes. Eles testemunham o radical rompimento do princípio que fundamenta a idéia de humanidade: a possibilidade de reconhecer no Outro um semelhante. Nenhuma história comovente ou edificante nos fará "superar" o passado. É preciso que nosso corpo sinta vibrar um remoto eco do pavor das câmaras de gás e que nossos olhos leiam as ordens nazistas na parede dos barracões e se contraiam de horror. É preciso entender que Auschwitz foi uma primeira morte da humanidade. Para que nossa consciência recuse os modelos de liberdade impostos em nome de um passado que todos querem consumir e fazer passar.